REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 6, n. 3, ed. especial. 2020.
Missões

O BRASIL NÃO PODE PARAR: A RECENTE RELAÇÃO BRASIL/EUA A PATIR DA ÓTICA DA EPISTEMOLOGIA CONJUNTURAL

BRAZIL CANT STOP: THE RECENT RELATION BETWEEN BRAZIL/USA FROM THE VIEWPOINT OF CONJUNCTURAL EPISTEMOLOGY

Recebido em: 25/06/2020
Aceito em: 10/10/2020

Jonivan Martins de Sá[1]

Resumo: O seguinte trabalho tem por ponto central explorar a relação entre atores políticos brasileiros e norte-americanos a partir da ótica experimental da epistemologia conjuntural. Partindo da pressuposição de que as relações políticas entre os dois países podem ser interpretadas historicamente a considerar o Brasil como um país subserviente frente à potência norte-americana, pretendo explorar a recente tese de Jessé Souza de que as dinâmicas políticas atuais – a relação Bolsonaro/Trump, por exemplo – se dão através desta problemática perspectiva. Nesse sentido, também busco expor a epistemologia conjuntural como aquela que pode nos servir como aporte teórico para a construção de uma análise concisa acerca desta conjuntura específica ao subordina os saberes e discursos envolvidos em uma determinada conjuntura a dinâmicas políticas, econômicas e educacionais, que modificam, por fim, nossa fisiologia cerebral.

Palavras-Chave: Brasil; Epistemologia Conjuntural; Estados Unidos; *Soft Power*.

Abstract: The following work has as its central point to explore the relationship between Brazilian and North American political actors from the experimental perspective of conjunctural epistemology. Based on the assumption that the political relations between the two countries can be interpreted historically to consider Brazil as an underdeveloped country vis-à-vis the American power, I intend to explore Jessé Souza's recent thesis that the current political dynamics - between Bolsonaro and Trump, for example - take place through this old perspective. In this sense, I also seek to expose the conjunctural epistemology as one that can serve as a central theoretical contribution for the construction of a concise analysis about this specific conjuncture when it subordinates the knowledge and discourses involved in a given conjuncture to political, economic and educational dynamics, which they finally change our brain physiology.

Keywords: Brazil; Conjunctural Epistemology; United States; Soft Power.

INTRODUÇÃO

O ser humano está fadado a viver o constante embate pela definição do status da realidade. Nesse sentido, desde que temos consciência de nossa própria racionalidade, as forças

[1] Cientista político, mestre em Filosofia e doutorando em Educação pela UFSM. E-mail: jonivanmartins@yahoo.com.br

sociais mais diversas embatem tendo como fim a produção de uma visão hegemônica – que corresponda a interesses específicos de grupos específicos – acerca do que seria a realidade. Na Alemanha nazista, por exemplo, forças ligadas ao Partido Nazista e a potências industriais sistematizaram o discurso de superioridade da raça ariana em detrimento de "espécies inferiores" – como os judeus – e esse discurso fez parte da realidade alemã durante todo o período da Segunda Guerra, moldando as mentes e sentimentos dos habitantes daquele lugar. A maior e mais elaborada *fake news* já disseminada na cultura dita ocidental. O status da realidade foi modificado graças a discursos vinculados à máquina de propaganda nazista, ao discurso moral de superioridade alemã, a dinâmicas científicas que defendiam a superioridade desta "raça" em relação a outras, etc. Muitas são, portanto, as forças que auxiliam nesse processo de moldagem da realidade.

Estas forças possuem seus interesses, assim como os nazistas e agregados possuíam. Parto do pressuposto, praticamente óbvio, de que as principais dinâmicas sociais que influenciam nessa construção do status da realidade são de cunho político, econômico e educacional. Os eixos políticos e econômicos de definição da realidade dizem respeito ao ordenamento – formal ou não – de todo o aparato social tendo em vista o atendimento de demandas específicas vindas de grupos específicos (quase sempre aqueles que denominamos como elites econômicas e políticas); na medida em que os processos de cunho educacional – formais ou não – garantem a perpetuação de uma ordem (política e econômica) específica. Dentro da perspectiva da epistemologia conjuntural, abordagem utilizada de maneira experimental neste trabalho, a relação entre estes três elementos é chamada de *tríplice articulação*, que em conjunto com a produção da linguagem moldam o tecido que constitui a realidade com a qual nós interagimos.

Essa definição do status da realidade diz respeito a simplesmente tudo o que nossa cultura comporta. Como as relações políticas mais diversas, por exemplo. Diante de tudo isso e indo direto ao ponto, este artigo parte da perspectiva de que há uma assimetria histórica nas relações entre Brasil e Estados Unidos e que esta relação – por se dar da maneira como supostamente se dá – auxilia no processo de construção da forma com que nós, brasileiros, interagimos com a realidade nacional. Trata-se, como o leitor poderá evidenciar, de uma leitura altamente experimental, em um esforço de filosofia política, na medida em que a própria epistemologia conjuntural se encontra em sua fase de concepção; se a exponho aqui é tendo em vista as possíveis ressonâncias que isso pode gerar e auxiliar na concepção crítica desta abordagem.

"Assimetria histórica" é um nome bonito para rotular as mais diversas inserções de cunho político-econômico que membros das elites americanas têm efetivado no território nacional

brasileiro, tendo em vista a execução de dinâmicas que influenciam diretamente nos meandros formais e informais da política/economia brasileira. Podemos ter como exemplo fundamental do tipo de dinâmica a qual me refiro o papel central do governo americano na deflagração do golpe cívico-militar de 1964, hoje amplamente documentado[2], onde os serviços de inteligência norte-americanos influenciaram diretamente na construção de um aparato de formação semântica – ao financiarem órgãos de influência da opinião pública – bem como na organização institucional, inclusive militar, que culminou na derrubada do então presidente João Goulart.

Portanto, parto do pressuposto de que estas relações ainda se dão, onde indivíduos interessados na política e economia brasileira (seja o presidente americano ou membros da elite petroleira, por exemplo), através da utilização do aparato formal das instituições americanas ou mesmo de dinâmicas mais obscuras, buscam meios de influenciar em nossos processos de tomada de decisão tendo em vista estes interesses. Também me parece estar em jogo, prática documentada, a também estratégica e constante busca pela hegemonia no continente americano – hegemonia política e econômica que pertencente aos Estados Unidos tão logo as nações do continente começaram suas caminhadas como nações modernas efetivamente, no século XIX. Logo, parto da possibilidade de uma contínua linha que se estende desde estes tempo iniciais às dinâmicas que levaram ao golpe parlamentar deflagrado contra Dilma Rousseff em 2016, ao processo que levou à prisão de Lula – forte favorito nas eleições de 2018 – e a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da república. Todos estes episódios teriam como principais articuladores membros da elite política/econômica americana e de uma elite nacional, sem projeto nacionalista, ambos interessados em dividir espólios gerados pelo razoável caos institucional no qual estamos ainda hoje inseridos.

Para analisar essa conjuntura toda utilizo de dois elementos fundantes, ou chaves-de-leitura de base: (1) a obra mais recente do professor Jessé Souza, *Guerra Contra o Brasil*, que explora o pacto entre as elites internacionais e nacionais a partir de dinâmicas que dizem respeito à construção da identidade nacional do brasileiro como um ente naturalmente corrupto, ao recolhimento estratégico dos recursos que seriam gerados a partir do pré-sal e à sabotagem da nossa produção acadêmica (que geraria inevitavelmente um processo de independência tecnológica, em médio prazo, favorecendo a constituição do Brasil como uma potencia no continente). Além da recente produção de Jessé Souza, utilizarei (2) a abordagem experimental da epistemologia conjuntural que venho desenvolvendo junto ao Programa de Pós-Graduação em

[2] Cuja síntese mais expressiva considero o documentário intitulado *O Dia Que Durou 21 Anos*, de direção de Camilo Tavares e produção de Karla Ladeia, de 2012.

Educação da UFSM, nas minhas pesquisas de doutorado. No decorrer deste trabalho elucidarei acerca de tal abordagem – que se estende da fundamentação histórica do conhecimento através de dinâmicas políticas, econômicas e educacionais até à formação de nossas sinapses sob o prisma da neurobiologia, passando pela nossa relação com a linguagem. Então quando rotulo as perspectivas deste trabalho como "experimentais", me refiro a isso: pretendo mesclar técnicas de análise e exposição que remetem à tradição ensaísta de descrever a história política contemporânea à teoria do conhecimento, filosofia da linguagem e neurobiologia. Esse é o tecido teórico que constitui o seguinte trabalho como um esforço experimental.

Vou iniciar expondo acerca da noção de "império informal" explicitada na obra de Souza (2020) e já utilizada por parte da literatura especializada no mundo todo – como por David Harvey (2005), por exemplo. Mais precisamente de como, através da aplicação do *soft power* atores americanos visam a manutenção de influência decisória nos processos políticos e econômicos no Brasil. Depois disso pretendo expor o que é a epistemologia conjuntural e como esta pode ser um aporte teórico, no mínimo, interessante para que possamos ler esta conjuntura específica. Por fim, pretendo fechar o texto com uma breve reflexão acerca dos movimentos de alguns atores políticos do Brasil contemporâneo, seus discursos mais gerais e de como isso colabora para a efetivação desta influência dos atores extranacionais.

O IMPÉRIO INFORMAL E O *SOFT POWER* AMERICANO

Existe uma estreita relação entre a produção de conhecimento científico (e não científico), a construção das identidades nacionais dos americanos e dos brasileiros e a aplicação de *soft power* no território brasileiro por parte dos americanos. Essa é a tese central da obra *Guerra Contra o Brasil* (2020) de autoria de Jessé Souza. A produção de conhecimentos científicos específicos nas áreas de psicologia comportamental e relações internacionais são o pontapé inicial para a concepção disso que chamamos de *soft power* – "poder leve" em tradução literal, ou poder brando em oposição ou complementariedade ao *hard power*, ou poder da violência física, que se dá através dos aparatos de repreensão policial ou militar.

O culturalismo de Samuel Huntington, por exemplo, exposto em seu best-seller *Choque de Civilizações* (1997) pode ser apontado como um dos elementos da formação de um saber acerca da necessidade dos Estados Unidos se impor como potência cultural no ambiente internacional, razoavelmente caótico e não democrático. O argumento de Huntington, segundo a interpretação de Souza (2020. p. 22), vai acabar levando a uma separação entre ambientes civilizados – onde

os EUA ocupa um papel central – e ambientes não civilizados, como o Oriente Médio e a América Latina – a própria expressão da decadência no continente. Assim com o culturalismo de Huntington e seus seguidores – espalhados pelo mundo todo – Souza aponta as obras de Lippmann e Bernays como centrais no que diz respeito à fundamentação de uma abordagem científica que tem como norte fundamental o suposto fato de que as massas devem ser controladas e levadas a comportamentos X ou Y através de sutis ações de uma elite dominante, intelectual, que – sobretudo, no caso de Lippmann – teria esclarecimento e inteligência para decidir acerca dos melhores meios e fins a serem alcançados por uma nação, por exemplo.

Bernays, seguidor de Lippmann, terá um papel preponderante junto à indústria, quando aplica as teses de seu mestre e as suas próprias na busca por moldar a opinião pública (termo central em Lippmann), ou gerar consentimento acerca de questões de gerarão, por sua vez, lucros a grandes empresas. Bernays através de sua tese da "cristalização da opinião pública" monta um refinado esquema manipulação, baseado em perspectivas da psicologia comportamental, na busca por gerar esse "consenso" (SOUZA, 2020, p. 34).

Então temos parte da produção intelectual americana do século XX voltada às teses culturalistas, onde os EUA ocupam um lugar de destaque como centro do mundo e parte dedicada à produção e moldagem da opinião pública, tendo em vista os mais diversos meios possíveis – gerando lucro para empresas privadas ou ganhos estratégicos para o próprio governo. Lembrando que tanto Huntington quanto Bernays constituíram as relações de financiamento de pesquisas mais bem-sucedidas dentro de suas áreas de conhecimento – junto a conglomerados industriais e o próprio governo americano (SOUZA, 2020, p.72). Bernays, por exemplo, esteve envolvido pessoalmente na deposição do presidente do da Gautelama, criando, assim, uma forma de fazer *soft power* característica dos setores de inteligência norte-americano.

> Em sua longa vida, Bernays ainda teve tempo de prefigurar o modus operandi dos golpes de Estado patrocinados pela CIA e pelo governo americano na América Latina (e depois no mundo todo) a partir de então. Quando, em 1951, o presidente democraticamente eleito da Guatemala Jacobo Arbenz decidiu fazer uma reforma agrária, ainda que prevendo o pagamento pelas terras desapropriadas em benefício dos camponeses pobres e sem terras, esbarrou em férrea oposição. A United Fruits, grande multinacional americana de frutas tropicais, era dona de 75% das terras da Guatemala e contratou Edward Bernays para criar uma campanha publicitária contra o governo guatemalteco. Bernays se superou nesse trabalho. Usando uma lista de jornalistas influentes ao redor de todo o país construída nos quarenta anos anteriores, ele montou um clima de guerra psicológica no país por meio do que chamava de "mídia blitz". O "mídia blitz" – uma citação explícita da *Blitzkrieg* nazista – significava a criação de uma agência de notícias, secretamente financiada pela United Fruits, com notícias para toda a imprensa americana de todos os lugares

> apenas sobre a suposta e falsa ameaça comunista na Guatemala (SOUZA, 2020, p.38).

Diante destas práticas – e da ótica culturalista, que colocava os EUA como possuidor de uma superioridade moral em relação ao resto do mundo – estrutura-se uma nova forma de fazer política internacional, tendo como perspectiva alavancar empresas norte-americanas no mundo todo, bem como controlar recursos naturais e estratégicos, como o petróleo (HARVEY, 2005), garantindo, assim, hegemonia internacional. Como já disse, foi uma inserção desse gênero que ocorreu no Brasil pré-ditadura, com o financiamento de agências aparentemente civis pelo governo americano, tendo em vista inviabilizar junto à opinião pública as reformas de base propostas por João Goulart – além do envolvimento direto do gabinete do então embaixador americano Lincoln Gordon na articulação em conjunto com os militares responsáveis pela deflagração do golpe. Naquela época, uma inserção militar americana não estava ainda de um todo descartada.

Porem mais barato e estratégico do que uma investidura militar em território estrangeiro é a propagação de ideias onde se dá a impressão de naturalidade do processo – de uma revolução que partiria de dentro do próprio ambiente político-democrático formal, onde haveria uma pressão (democrática) de atores populares pela quebra com um regime. No decorrer de sua mais recente obra Jessé Souza vai explicar, justamente, como se deram as ressonâncias de ideias específicas dentro do Brasil recente de uma maneira tal que o vira-latismo histórico do brasileiro e sua admiração por tudo que vem dos EUA – herança clara da ditatura e da efetivação de dinâmicas já não tão atuais de disseminação de discursos americanistas – acaba se tornando o tempero fundamental da eleição de Bolsonaro e da onda anti-PT, anti-esquerda que ainda estamos vivenciando. Não que isso figure uma defesa cega ao Partido dos Trabalhadores ou algo que o valha, mas esta construção simbólica que se deu sob uma sólida base histórica de subserviência semântica em relação aos EUA se dá em um terreno, no mínimo suspeito: como o surgimento da noite para o dia de sites e mídias especializadas na disseminação de *fake news* estrategicamente postas em ação, gerando um clima de polarização ideológica e disputa pelos espaços públicos.

O *soft power* desde Bernays operaria dessa maneira: disseminando discursos polarizadores em uma determinada sociedade subdesenvolvida, historicamente ligado a uma suposta ameaça comunista, criando um verdadeiro clima de guerra que auxiliaria a atores específicos ocuparem por vias democráticas ou não os espaços formais da representação política. Isso feito, as políticas

econômicas e educacionais vão acabar se alinhando a interesses estrangeiros, sobretudo, norte-americanos. Souza (2020, p.40) aponta como principal razão do golpe parlamentar sofrido pela presidenta Dilma Rousseff sua falta de alinhamento com o capital especulativo em operação no Brasil, bem como o projeto político-social que seria possível construir com os recursos advindos da extração de petróleo do pré-sal, o que colocaria o Brasil em posição de destaque dentro e fora do continente.

Essa mistura de luta pela hegemonia no continente, falta de arranjo entre o governo brasileiro e o capital estrangeiro e a ameaça que uma enorme reserva de petróleo manuseada por uma estatal com tecnologia própria pode representar a quem nutre esperanças megalomaníacas de manutenção de uma ordem internacional estável, onde os centros de poder não mudem nunca de lugar, se tornou a conjuntura ideal para a efervescência e aplicação desse *soft power* como forma de desmantelar o que vinha se propondo.

> Em 2006, o Brasil descobre o pré-sal, uma das maiores reservas de petróleo do planeta, e já começa a explorá-lo efetivamente a partir de 2008. O marco regulatório do pré-sal prevê um forte controle da Petrobras sobre todas as fases da produção. Em 2012, a presidenta Dilma lança sua ofensiva, respaldada no poderio dos bancos públicos brasileiros, para baixar os juros abusivos, onze vezes maiores que os juros praticados na França, ameaçando a "mamata" dos representantes do capitalismo financeiro americano no Brasil. Foi também nessa época que começou a ser gestado o banco do BRICS como principal estratégia para romper o controle absoluto da economia mundial pelo capital financeiro americano [...]. É nesse contexto que, na esteira da Primavera Árabe, ocorrem as chamadas Jornadas de Junho, em 2013, no Brasil. Esse é o início da revolução colorida, que dá ensejo ao golpe de 2016 e à operação Lava Jato, levando à derrocada do PT, à prisão ilegal de Lula e à consequente eleição do "lambe-botas" de Trump, Jair Bolsonaro, ao poder (SOUZA, 2020, p. 40).

Mas como um analista qualquer pode chegar a essas conclusões sem ter, como no caso da relação EUA/golpe de 64, gravações telefônicas, documentos formalizados e afins que comprovem essa perspectiva? O que temos é a possibilidade de análise dos atores envolvidos na trama e o histórico documentado de inserção estrangeira em solo brasileiro tendo em vista, justamente esse tipo de dinâmica. Separo alguns fatos que podem nos levar a crer na possibilidade de um desmantelamento arquitetado e que ligam, sobretudo, os movimentos de atuação da Lava Jato na prisão de Lula – usando um modelo de processo já utilizado contra um senador republicano que acabou morrendo de maneira misteriosa (SOUZA, 2020. p. 46) – e a eleição de Jair Bolsonaro como aquele que melhor representaria o interesse dos americanos no

Brasil. Peço ao leitor que acesse cada uma das referências e tire suas próprias conclusões acerca destas; as exponho no final deste trabalho sob a forma de anexo.

Tais referências dizem respeito a dois pontos – poderia explorar muitos outros, mas para os fins desta análise onde pretende perceber a atual conjuntura a partir da epistemologia conjuntural, estes dois pontos se tornam chave. (1) A atuação da Lava Jato através de uma extrema midialização do processo que culminou na prisão do presidente Lula e (2) a relação entre Eduardo Bolsonaro e Steve Bannon, ativista de extrema-direita e marqueteiro responsável pela eleição de Donald Trump nos EUA, ligado a Robert Mercer multimilionário operador de fundos de cobertura. Jesse Souza explorou esses dois pontos, dentre outros em seu livro, mas pretendo propor uma abordagem um pouco diferente.

A atuação de Sérgio Moro e Deltan Dallagnol – juiz e procurador, respectivamente – se dá de maneira nitidamente imparcial no que toca ao exercício de suas atividades. A problemática atuação, exposta pelos vazamentos trazidos à tona pelo jornal on-line *The Intercep Brasil*, dizia respeito desde a proximidade criminosa entre juiz e procurador – os mesmos participavam de grupos privados onde trocavam informações e direcionavam as perspectivas da investigação – à obscura relação destes com agentes americanos que chegaram a visitar os membros da operação em Curitiba, descumprindo normas tratadas em acordos bilaterais entre EUA e Brasil. Ao serem expostos ao público ambos viajaram aos EUA, em compromissos fora de suas agendas oficiais, para só depois se manifestar acerca da questão. Sérgio Moro, já no posto de ministro do governo Bolsonaro, utilizou técnicas de retórica para descaracterizar o conteúdo das mensagens, ora afirmando que estas não eram verdadeiras, ora afirmando que em seu conteúdo não havia qualquer tipo de violação. Nestas mesmas conversas vemos referências “aos americanos” e às articulações que deveriam ser construídas. No anexo I o leitor tem acesso à trama de uma maneira mais clara.

Fato é que além suas proximidades com órgãos americanos – proximidade estas que ambas as partes faziam questão em manter da maneira mais informal possível, mesmo ambas as partes ocupando instituições públicas em seus respectivos países – a Lava Jato direcionou suas atividades a sistemáticos processos de midializaçao de suas ações, sistematizando vazamentos, sobretudo à Rede Globo – TV de maior audiência no Brasil – criando um clima de guerra e alimentando uma polarização política que vinha sendo construída no país de 2013, com as Jornadas de Junho. Gostaria de chamar a atenção para este aspecto central nesta análise. Já que o que ocorre de 2013 em diante é uma espécie de processo de *educação* das massas que vai ter como resultado o anti-petismo e o anti-esquerdismo ainda latente na sociedade brasileira. As

notícias dos telejornais transmitidos pela Rede Globo podem ser vistas como a propagação de uma noção de consenso, onde os atores supostamente envolvidos nas tramas de corrupção – membros do alto escalão de empresas com Odebrecht e Petrobrás, bem como membros do alto escalão dos governos do PT, dentre eles o próprio Lula – são diariamente expostos como bodes expiatórios do histórico de corrupção institucionalizada no Brasil desde os tempos mais remotos. Jargões como "a culpa é do PT", por exemplo, são utilizados nesse processo de educação, onde uma mensagem insistentemente disseminada através da espetacularização de ações de um processo penal, no mínimo duvidoso, ganha corpo e auxilia a polarizar a sociedade brasileira entre aqueles que estão "a favor do PT" e aqueles se põem "contra o PT". Peço que o leitor suspenda o termo *educação*, que é central para as análises a partir da epistemologia conjuntural.

Em conjunto com a operação Lava Jato e essa educação através das grandes redes de TV, temos a relação entre Eduardo Bolsonaro e Steve Bannon. Bannon se tornou uma figura pública conhecida por dirigir sites de extrema direita especializados em disseminar *fake news*, notícias com conteúdo abertamente racista e xenofóbico; possui ligação com o também extremista e multimilionário Robert Mercer, um gênio da matemática computacional que fez fortuna com empresas de tecnologia e fundos de cobertura. Ambos estavam por trás de empresas de *big data,* como a extinta *Cambridge Analytica*. Através dessas empresas Mercer e Bannon organizaram inúmeras campanhas políticas, como a campanha pela efetivação do *brexit* na Europa e a campanha presidencial de Donald Trump, tendo em Bannon seu coordenador central. Bannon pode ser definido como uma mistura de racista de extrema-direita e alguém com capacidades gerenciais bastante competentes, na medida em que iniciou uma espécie de cruzada de extrema direita no mundo todo. No Brasil, foi considerado por Eduardo Bolsonaro como um "conselheiro" (vide Anexo I) de campanha e alguém que ajudaria a família Bolsonaro a eleger seu progenitor à presidência. Por várias vezes Eduardo e Bannon se encontraram e se encontram sempre que o filho de Bolsonaro vai aos EUA. Eduardo foi escolhido por Bannon para se torar porta-voz sul-americano de uma organização de extrema-direita comandada por ele em toda mundo, o The Movement.

A operacionalidade da *Cambridge Analytica* e similares diz respeito, basicamente, ao roubo de dados sigilosos de redes sociais, elementos dos perfis pessoais das pessoas – como preferências políticas, por exemplo – e a disseminação de *fake news* tendo em vista estas preferências. A *Cambridge Analytica* foi acusada de roubar dados do Facebook para interferir em diversos pleitos pelo mundo. Na medida em que um perfil era identificado como "possivelmente de direita", a empresa tentava influenciar o comportamento das pessoas através

da disseminação de noticias falsas sobre adversários políticos. Em um processo muito semelhante como ocorreu no Brasil, com centrais de compartilhamento de notícias falsas via Whatsapp, Facebook e outros. Pode-se perceber nitidamente pistas do método *Cambridge Analytica* em operação no Brasil, sobretudo, entre 2013-2016, quando experienciamos um *boom* de perfis falsos em inúmeras redes sociais e de disseminação de *fake news*, como uma forma de *educar* a opinião pública em relação a aspectos centrais da nossa política.

A relação entre Eduardo Bolsonaro e Steve Bannon e entre os procuradores e juiz brasileiros com membros do judiciário americano nos fornecem indícios de uma estreita interação, já histórica, entre atores com interesses em ambos os países. A relação de subserviência entre Bolsonaro e Donald Trump é bastante didática nesse sentido. Creio ser redundante e até mesmo desnecessário para qualquer consciência mediana identificar uma relação com a prisão de Lula e a eleição de Bolsonaro, onde o juiz Sérgio Moro, que sentenciou Lula à prisão, acaba ocupando o papel de superministro da justiça e da segurança pública – sob vários rumores de que seria indicado pelo presidente a ocupar uma das cadeiras do STF, maior instância do judiciário nacional.

Há uma trama onde seus atores se entrecruzam e suas relações nos levam a forças não-nacionais. Só a busca pela hegemonia política e econômica pode explicar esse interesse de milionários e políticos americanos no que ocorre em nosso quintal, dado o histórico norte-americano no Brasil, na América Latina como um todo e em países do Oriente Médio, com a Síria e o Irã. Dentro do possível, essas relações são mantidas fora dos holofotes da grande mídia e de qualquer formalização institucional por motivos óbvios, assim como não houve nenhuma formalização de acordo entre os militares golpistas de 1964 e os membros da embaixada americana, descartando qualquer análise de cunho puramente institucional. Por isso penso também na existência desse império informal – como Souza (2020) e Harvey (2005) – onde o interesse de atores americanos é defendido a partir de estruturas que parecem legais, sem que estes se exponham. É preciso assumir riscos e ler as entrelinhas das movimentações destes atores, deixando de lado as limitações puramente formais – que deveriam ser vistas, na verdade, como assessórias a qualquer análise de política contemporânea onde o foco é dinâmico e a história ainda está sendo escrita. Reitero, o que está jogo é o status atual da realidade.

Essa estreita relação entre atores americanos e brasileiros diz respeito ao cenário político atual e vai auxiliar, por sua vez, na leitura das estratégias usadas pelo presidente Jair Bolsonaro que já no primeiro ano de seu governo entrega, por exemplo, o Centro de Lançamento de Alcântara aos usos do governo americano, onde oficiais e cientistas brasileiros têm acesso

restrito. Enquanto escrevo este texto, o mundo percebe em pânico as manifestações grotescas do presidente diante da crise causada pelo corona vírus, sua falta de tato se mostrando contra as recomendações da OMS, seguidas por todas as nações do globo. Bolsonaro gera caos de maneira premeditada, sabotando sistematicamente ações dos estados e municípios e desmandando seu próprio ministro da saúde, chegando ao cúmulo de ordenar o recolhimento de equipamentos essenciais para o tratamento em pessoa infectadas pelo vírus no estado de São Paulo, atual epicentro de contaminação. Nada explica essas ações a não ser sabotagem. Incompetência nenhuma justificaria as ações sistemáticas de Jair Bolsonaro e Paulo Guedes – que não demorou em auxiliar financeiramente os bancos privados diante da crise – que implodem nossa economia, nosso sistema produtivo e a nossa saúde.

Reitero também que método *Cambridge Analytica* em conjunto com a hipermidialização do processo que culminou na prisão de Lula pode ser vistos como formas de educação da opinião pública tendo em vista a preparação de um terreno que seja bem-vindo e bem visto pelas elites que articulam esse tipo de movimentação. Isso explica em parte o insistente apoio dado a Bolsonaro mesmo diante de uma crise tão grave – voltarei a esse ponto no final. A história dirá. Por agora nos resta a tentativa de analisar as situações que se apresentam. Nesse sentido, na esteira desses processos educativos aos quais defendo a existência – sendo "educação" aqui pensada de uma forma muito ampla – pretendo agora expor os principais elementos da epistemologia conjuntural que nos permitem, a meu ver, analisar estas relações obscuras e aplicação de *soft power* e instauração de um império informal sob a nação brasileira.

A EPISTEMOLOGIA CONJUNTURAL: ENTRE INFORMAÇÃO, LINGUAGEM, CONJUNTURA E SINAPSES

Existem várias interpretações filosóficas possíveis para a gênese do fenômeno do conhecimento. Não discorrei sobre algumas delas, tendo em vista a extensão pretendida aqui. Posso apontar a hermenêutica, a epistemologia histórica e o contextualismo epistemológico como algumas delas. Provavelmente a principal divisão que existe no centro desta questão é se o dado do conhecimento está presente na natureza, como algo a ser descoberto e conhecido ou se este dado é produzido historicamente, na mente humana através de suas experiências e linguagens. A abordagem que exponho aqui diz respeito a esse segundo grupo, onde os conhecimentos emergem de uma relação pessoal e interpessoal dos indivíduos inseridos em um determinado ambiente (ponto conjuntural).

A epistemologia conjuntural propõe uma expansão do conceito do conhecimento tendo em vista essas relações dos indivíduos com o ambiente. Portanto, a semelhança da hermenêutica, não considera somente o conhecimento científico como conhecimento válido, mas sim, como veremos, todo o dado que consiga trazer em si um discurso sistemático acerca de si mesmo (autorreferencialidade) e que seja aceito intersubjetivamente pelos indivíduos inseridos em um ponto conjuntural específico.

Como qualquer abordagem em epistemologia, essa teoria busca construir uma interpretação acerca das origens do conhecimento. A essa questão apresento uma resposta dupla: (1) o conhecimento efetivo, assim como os mais diversos tipos de saberes, nasce da interação entre três grandes dinâmicas sociais (políticas, economias e educacionais) e (2) se armazena em nosso cérebro via sistema nervoso. Então, estas duas instâncias precisam ser consideradas, uma de cunho social e outra de cunho individual, porém se comportam de maneira interdependente. O fato desses saberes se armazenarem da forma com que se armazenam vai depender da correlação destas duas forças, então é o resultado de movimentos que se dão na história de cada um. O conhecimento é fruto da forma com que se articulam essas forças economias, politicas e educacionais na vida de cada um, fornecendo um material específico para ser armazenado pelo cérebro. Há um certo grau de determinismo dos indivíduos em relação ao ambiente, mas não há como mensurar *exatamente* os comportamentos advindos desse armazenamento, embora este possa nos fornecer algumas pistas acerca da forma como um determinado individuo se movimentará nas esferas sociais. As abordagens de psicologia do comportamento – conscientemente ou não – são baseadas, dentre outros, nesses fatores de interação social e assimilação de saberes. Esses saberes – para não usar de maneira indiscriminada a noção de "conhecimento" – vão variar, portanto, de acordo com a história de cada um.

Mas como ocorre esse processo? Bem, nos movimentamos na realidade através de mecanismos mentais que extraem informações do ambiente. Cores, formas, texturas, sabores, cheiros, símbolos e conceituação. Todas essas são formas de informação com as quais lidamos em nosso dia-a-dia desde muito tempo. A cor vermelha estampada em uma pedra, por exemplo, contém quando em contato com nosso sistema nervoso a informação de que há uma diferença nítida entre essa cor e a cor azul estampada em outra pedra, por exemplo. Na medida em que a cultura se desenrola, essa diferença de cores pode indicar a predominância de um partido político ou remeter a times de futebol, como Grêmio e Internacional no Rio Grande do Sul. A informação em si que diferencia as cores existe a partir de nosso contato com elas.

Outros exemplos podem ser as informações extraídas de planetas distantes. A partir de refinados processos podemos inferir quais substancia tem predominância em determinado planeta através da análise da cor dos raios emitidos pelo planeta. *Extraímos informações pra produzir conhecimento*. A informação é o primeiro dado da relação indivíduo/ambiente. Através da observação ou experiência (através da relação de nossos corpos com o ambiente) percebemos em algum momento que a convivência entre seres humanos e criaturas como crocodilos gigantes da Austrália é perigosa para nós. Esta informação inicial definirá toda uma seria de reações que teremos em relação aos crocodilos gigantes da Austrália. E o importante é percebemos que essa aquisição de informações não diz respeito só ao ambiente natural, mas também em relação ao ambiente cultural; como, por exemplo, ao relacionamos o som /a/ ao símbolo gráfico "a". Há uma informação construída culturalmente que versa sobre uma equivalência entre /a/ e "a" e isso, obviamente, definirá muito de nossa fala e escrita em ambiente cultural. Então as informações são extraídas ou construídas a partir das mais diversas dinâmicas possíveis, mas sempre partindo de uma interação de nosso sistema nervoso com o ambiente, seja ele cultural ou material.

Toda a informação tem a potencialidade de se transformar em linguagem. Há uma relação ontológica entre informação e linguagem. Por exemplo, a informação de diferenciação entre as cores *pode* se transformar em uma linguagem que nos transmite que devemos seguir em frente com nossa motocicleta ou que devemos parar – ou que simplesmente devemos nos manter alertas – como ocorre com um semáforo, por exemplo. Das informações derivam as linguagens que transmitem sentidos. Da informação da correspondência entre /a/ com "a" surge a palavra "Brasil" e todas as outras que utilizam dessa correspondência em suas escritas. A correspondência entre informação e linguagem já se dá, obviamente em terreno inteiramente intelectual. É produto do exercício das nossas faculdades racionais mais refinadas, é o que nos diferencia da grande maioria dos animais – a capacidade de transformar em linguagem complexa as informações que moldamos através da nossa relação com o ambiente.

É no domínio da educação que transmitimos essas linguagens. A correspondência entre /a/ e "a", a utilização do semáforo, o fato dos crocodilos gigantes da Austrália serem perigosos. Educação e comunicação se confundem nesse processo primitivo. Esse processo de transmissão ou sistematização de um sentindo que vem da produção de uma linguagem através de informações se dá a partir do que defino por *síntese de linguagem*. Uma síntese de linguagem é uma sistematização de informações qualquer, onde cada uma ocupa um lugar específico e visa transmitir um sentido específico. Por exemplo, a frase "Deus é brasileiro" consiste em uma sistematização da linguagem (palavras) que nasce através das informações (correspondência

entre /a/ e "a" e as demais letras/sons). Ou uma pessoa que se veste como um integrante da banda Ramones, com jeans rasgado e jaqueta de couro estilo motociclista: cada peça de roupa expressa um sentido específico que remete aos Ramones e é sistematizada de uma forma a produzir essa correlação. Tanto uma afirmativa quanto um modo de se vestir são sínteses de linguagem, pois derivam de uma linguagem – a composição da escrita e a estética da vestimenta – que deriva de informações – a correspondência entre /e/ e "e" e a cor da jaqueta de couro, do jeans e o fato deste estar rasgado nos joelhos. Tudo aquilo que é informação pode se tornar linguagem e tudo aquilo que pode se tornar linguagem pode se tornar uma síntese de linguagem.

Porem nem todo mundo compreende todas as sínteses de linguagem. Nem todo mundo vai compreender o sentido da frase "Deus é brasileiro" ou vai compreender que a pessoa vestida da forma X se veste assim para remeter aos Ramones. Assim como sintetizamos informações em linguagem através de um trabalho intelectual que diz respeito ao nosso quotidiano, ao nosso convivo com outros indivíduos, a transmissão desse sentido também se dá a partir desse convívio e em pontos específicos no espaço-tempo. São saberes disseminados socialmente e que só vão fazer sentido a iniciados que convivem nesses espaços-tempos específicos aos quais dou o nome de *ponto conjuntural*. Um ponto conjuntural é um ponto X que permite que indivíduos compreendam um determinado sentido que advém de sínteses de linguagem específicas – esse ponto pode ser um espaço geográfico (como o Brasil, por exemplo) ou um espaço cultural (como aquele ocupado pelos fãs dos Ramones em fóruns on-line ou festas punk). As sínteses de linguagem só fazem sentido quando conectadas aos pontos conjunturais que as constituem.

Por exemplo, a teoria da duplicidade da forma do elétron dentro da mecânica ondulatória só faz sentido quando expressa para iniciados em microfísica, indivíduos que compartilham o ponto conjuntural material e imaterial que diz respeito à transformação de informações específicas construídas junto ao universo material, transformadas em linguagem (números, letras, palavras) e sintetizadas como sínteses de linguagem através de fórmulas matemáticas e enunciados filosóficos que correspondem a essas fórmulas. Da mesma forma como sentidos morais específicos são transmitidos a indivíduos que convivem em uma determinada sociedade ou cultura. Esses sentidos vêm de informações transformadas em linguagem e em sínteses de linguagem que se disseminam por esses pontos conjunturais. Os pontos conjunturais, obviamente, se entrecruzam – um único indivíduo pode transitar entre inúmeros pontos durante uma vida e ocupar simultaneamente vários deles. É esse transito e essa simultaneidade que vai definir os saberes com os quais esse indivíduo vai ter contato e vai ele mesmo disseminar.

Informações, linguagem, sínteses de linguagem. Ainda há mais um elemento a esclarecer no que diz respeito a essas sínteses. Como a epistemologia conjuntural diferencia um *conhecimento efetivo* de um saber qualquer – como a ligação da cor azul ao Grêmio ou um enunciado moral? Bem, nesse ponto essa abordagem vai propor uma expansão do que é considerado conhecimento de uma forma geral. A natureza do conhecimento deriva diretamente dessa estrutura que inicia com a sistematização de informações através da linguagem. Em um primeiro momento, os movimentos que vão defender a noção de que os elétrons se comportam de uma maneira X dentro dos átomos são os mesmos que definem que o azul é a cor do Grêmio. Quero dizer, obedecem a estrutura informação → linguagem → síntese de linguagem. O que diferencia a ambos, em um primeiro momento, é um movimento que dou o nome de *dupla autorreferencialidade*. Dentro da epistemologia conjuntural existem dois tipos de sínteses de linguagem: as sínteses de linguagem simples e as sínteses de linguagem autorreferentes. As do segundo tipo são as sínteses de linguagem que trazem em sua estrutura, em seu discurso e sentido, a autorreferência, ou seja, trazem em sua formulação uma referência acerca de si mesmas – como e porque são o que são. Porém as sínteses de linguagem autorreferentes dependem de uma estrutura linguística complexa para serem expressas, a linguagem escrita, pensada, falada ou transmitida de alguma forma, na medida em que esse movimento de autorreferência é uma movimento intelectual.

Vamos aos exemplos. “Deus é brasileiro” é uma síntese de linguagem. “Pode-se concluir que Deus é brasileiro ao analisarmos o espírito receptivo, alegre e altruísta do brasileiro médio, características que ligamos à bondade de Deus” é uma síntese de linguagem autorreferente. Provavelmente toda a síntese de linguagem pode se tornar uma síntese autorreferente (mais estudos nesse ponto serão necessários), na medida em que toda a síntese linguagem expressa em linguagem complexa (falada, escrita, pensada, enfim, passível de transmissão) pode criar um discurso sobre si mesma, apontado os percursos históricos percorridos pela ação humana até chegar nesta síntese. Um outro exemplo: “meninas vestem rosa e meninos vestem azul” é uma síntese de linguagem. “Meninas vestem rosa e meninos vestem azul por que assim organizamos a sociedade desde muito tempo e assim devemos permanecer para que a ordem do social não mude” é uma síntese de linguagem autorreferente.

O que define um saber como conhecimento efetivo é (1) a sua dupla autorreferencialidade, já que, o conhecimento efetivo nasce através da aplicação de um método e o método em si é uma síntese de linguagem autorreferente. Então o resultado da sua aplicação é uma síntese de linguagem autorreferente que nasce através de outra síntese de linguagem autorreferente – que é

o método. Vamos a um exemplo: "o elétron pode se manifestar sob a forma de uma onda em alguns casos e em outros casos pode se manifestar sob a forma de uma partícula, tudo depende da situação onde o fenômeno de propagação do elétron é mensurado e do tipo de experiência que é feita. Sabemos disso através da experiência X e Y" – essa é uma síntese de linguagem autorreferente que diz algo sobre si mesma quando diz "sabemos isso através da experiência X e Y". Essa síntese só vai possuir a dupla autorreferencialidade se tivermos contato com o método pelo qual se chegou até ela, ou seja, se encontramos em algum lugar de sua exposição o que são exatamente "as experiências X ou Y". Para o conhecimento ser efetivo, as experiências X ou Y precisam conter em si mesmas autorreferencialidade: "a experiência X chega ao resultado X através da aplicação das formulas X, dos princípios X e dos meios X e é organizada racionalmente, tendo como base os bons resultados históricos de seus resultados" e assim por diante.

O outro elemento que faz de um saber um conhecimento efetivo é (2) o *reconhecimento* deste saber como um conhecimento efetivo dentro de um determinado ponto conjuntural. Algo só vai ser considerado como ciência, por exemplo, quando tiver uma estrutura que forneça essa dupla autorreferencialidade e que este duplo movimento e as sínteses de linguagem que derivem deste sejam reconhecidas como um conhecimento efetivo entre seus pares. Na grande maioria das vezes, outros indivíduos inseridos no ponto conjuntural no qual os propositores estão inseridos irão testar e comparar as hipóteses, chegando assim em um resultado positivo ou negativo acerca da proposição.

Por exemplo, os documentários de revisionismo histórico expostos pelo grupo Brasil Paralelo[3] são considerados como científicos por seus idealizadores e expectadores, na medida em que mostram a visão de pessoas formadas em suas respectivas áreas. Porem, para muitos outros cientistas (como o que escreve este artigo) a série não passa de uma forma forçada de propaganda das ideologias da extrema-direita. As sínteses de linguagem expressas ali derivam de métodos e leituras supostamente científicos, possuem dupla autorreferencialidade, mas precisam ser aceitos entre seus pares como conhecimento efetivo para de fato sê-lo. O mesmo pode ser dito acerca do terraplanismo.

Para além da dupla autorreferencialidade e o reconhecimento entre pares, a epistemologia conjuntural ainda traz outras duas variáveis para explicar como se dá o fenômeno do conhecimento: a *tríplice articulação* entre forças políticas, econômicas e educacionais e a internalização das informações, linguagens e sínteses de linguagem pelo cérebro humano. A

[3] Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeeBmdaiicey2nImISw>.

observâncias desses dois elementos vai nos fazer interpretar a relação entre atores políticos e econômicos na política brasileira atual através da aplicação de *soft power*.

A tríplice articulação é o que vai definir as sínteses de linguagem que uma pessoa vai acessar durante sua vida. Quando falo em política, economia e educação não refiro-me somente às disciplinas formais que dizem respeito a esses assuntos. Quando penso em "política", por exemplo, penso em toda e qualquer relação que traga em si a distribuição formal e não formal do poder. É uma relação política aquela relação de exclusão de pessoas de uma determinada classe social em relação à representatividade política, assim como é uma relação política aquela que se estipula entre pai e filho, onde o pai ocupa um papel de centralidade e comando. No mesmo sentido, quando me refiro à "economia" como toda e qualquer troca de valores que se dê nas dinâmicas sociais mais variadas – desde uma simples troca comercial ao fato deste mesmo pai não ter como comprar os materiais escolares para seu filho. E quando me refiro à educação, penso em toda a dinâmica que envolva transmissão de informações, linguagem e sínteses de linguagem de qualquer tipo – desde o pai ensinar seu filho a atravessar a rua até as diretrizes educacionais escolhidas por um determinado governo para direcionar a educação publica em um determina país ou estado.

Os elementos dessa tríplice articulação se mesclam entre si, formando o tecido que irá definir muito das nossas experiências. Como o fato de uma pessoa viver em um regime democrático representativo e liberal ou em uma república islâmica, por exemplo. Os acessos a pontos conjunturais específicos a suas sínteses de linguagem vai depender dessas dinâmicas mais gerais, dessa tríplice articulação. De certa forma, os grupos que mantem um certo controle sob a economia, a política e a educação mantém certo controle das possibilidades de experiências as quais os indivíduos terão acesso.

As condições de convívio grupal (políticas), as demandas materiais exigidas para sobrevivência (economia) e as possibilidades de transmissão e acesso às informações (educação) não só nos definiram e nos definem como sociedade, mas também definiram e definem constantemente nossa subjetividade e nosso aparato cerebral e do sistema nervoso central como um todo. Podemos pensar acerca desse segundo elemento, por exemplo, através das descobertas da neurobiologia acerca dos fenômenos de plasticidade cerebral e de constituição de sinapses.

Nosso cérebro pode ser definido como um sofisticado equipamento que se modifica com o percurso da vida – a cada novo aprendizado.

> [...] do ponto de vista neurobiológico, a aprendizagem se traduz pela formação e consolidação das ligações entre as células nervosas. É fruto de modificações químicas e estruturais no sistema nervoso de cada um, que exigem energia e tempo para se manifestar. Professores podem facilitar o processo, mas em última análise, a aprendizagem é um fenômeno individual e privado e vai obedecer às circunstâncias históricas de cada um de nós (CONSENZA & GUERRA, p. 38, 2011).

Aqui "a aprendizagem" leva em consideração não apenas conteúdos formais, mas todo o tipo de informação que é assimilada e sintetizada em nosso cérebro e utilizada constantemente como forma de interação. Logo, ao percebermos o fenômeno do conhecimento como um produto da interação entre ambiente e cérebro – e a partir das possíveis e necessárias modificações que esta interação causará em ambos, do ponto de vista material – perceberemos o conhecimento de uma forma ampla. As células nervosas, os neurônios, se constituem através das experiências, formando ligações entre si e armazenando os mais diversos saberes em seu interior – esse processo de armazenamento é constante, ocorre durante toda a vida e terá, como dito, ligação direta com as experiências individuais.

As ligações entre neurônios e sua própria quantidade pode variar de acordo com a idade, por exemplo (figura 1). Mas ocorrem modificações da rede sináptica durante toda a vida, bem como a eliminação de neurônios/sinapses não utilizados com frequência pelo cérebro. Assim como nossas visões de mundo, nosso cérebro tem o potencial de variar de acordo com tempo, ora focando em ideias e ideais específicos – quando há a devida estimulação para esse fim – ora direcionando suas atenções a outros pontos. Por isso é possível "mudar de ideia", por exemplo, acerca de um determinado assunto. É tudo uma questão de devida estimulação que provocará mudanças fisiológicas no cérebro.

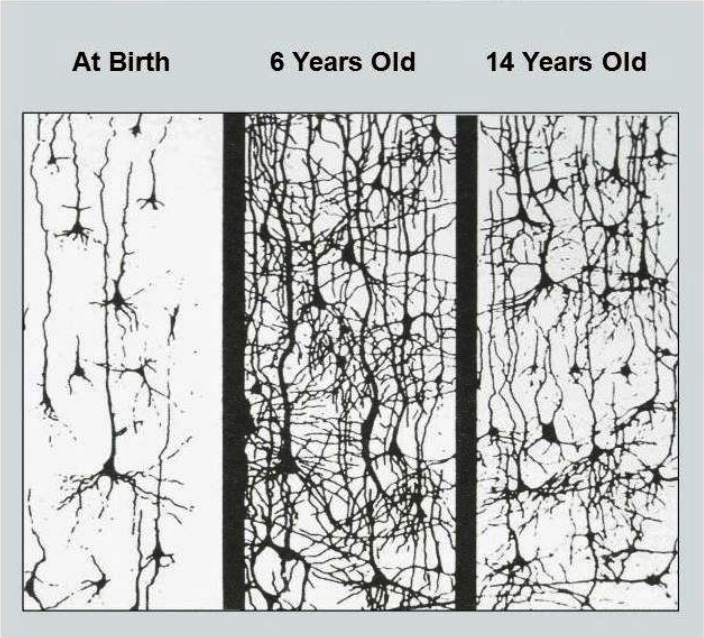


Figura 1 - A densidade neural muda em acordo com a idade. Adaptado de Shore, 1997

As sinapses, essas ligações entre neurônios, são as grandes responsáveis pela nossa capacidade de receber, sintetizar e sistematizar informações que recebemos do ambiente. A qualidade das sinapses diz respeito à facilidade que temos (ou não) de lidar com conteúdos complexos, por exemplo. Os processos de aprendizagem ocorrem "por modificação das forças sinápticas, o que representa uma mudança estrutural irreversível e acumulada no sistema de tal modo que o seu comportamento no futuro depende da experiência no passado" (BRIDI FILHO, BRIDI e ROTTA, p. 05, 2018). Logo, como é bastante simples inferir, o curso de aprendizagem de novos conhecimentos está diretamente ligado à qualidade dos estímulos externos recebidos e à qualidade das sinapses que nascem através destas estimulações. Por isso a relação dos indivíduos com os elementos políticos, econômicos e educacionais de sua própria existência vão constituir um fator preponderante em várias capacidades: como a reflexão crítica, por exemplo. Um indivíduo que não é devidamente estimulado terá maior dificuldade em lidar com conteúdos mais complexos, salvo caso que alguma condição excepcional.

O processo de construção das sinapses se dá através da repetição desses estímulos. Se a leitura de um livro persiste, por exemplo, nosso cérebro construirá sinapses que digam respeito ao conteúdo da obra. Quando mais nos estimularmos nesse sentido, mais detalhes acerca do sentido do que está expresso no livro – ou da nossa percepção acerca desse sentindo, nossa interpretação – serão gravados em nosso cérebro. Os saberes e memorias são armazenados em estruturas materiais, podendo ser modificadas ao longo da vida. Podemos dizer que a

constituição de novas sinapses dentro do organismo humano é nosso ponto alto de interação com o ambiente, na medida em que as informações que coletamos e organizamos através de nossas células nervosas como linguagem e sínteses de linguagem modificam a constituição do cérebro em si mesmo. As experiências que vivemos e a assimilação destas através das sínteses de linguagem são constituintes da materialidade do nosso cérebro. Isso evidencia a relevância dessas experiências, na medida em que nosso próprio aparato cerebral é constituído por elas. Sendo o cérebro e o sistema nervoso os responsáveis pela nossa interação e compreensão do mundo que nos cerca.

A essa altura já podemos nos questionar acerca da relevância dos estímulos que recebemos sobre determinado assunto, por exemplo. “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade“, diz a frase atribuída ao ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels. O ato de repetição é o ato de constituição de novas sinapses. Se antes a grande maioria dos alemães não via nos judeus um problema e a razão de sua própria miséria, depois da institucionalização da propaganda do Partido Nazista, como mostra a história, o povo alemão é educado a perceber os judeus como um problema. A propaganda, as comunicações de massa, etc. são responsáveis por lançar estímulos constantemente que vão acabar definindo muitas das sínteses de linguagem que assimilaremos. Esta é a própria intersecção entre os elementos da tríplice articulação (educação, política e economia, como as forças materiais que constituem nossa vida quotidiana) e a formulação de sínteses de linguagem que constituem um sistema qualquer – o status quo político e econômico, por exemplo, é edificado através da disseminação mais ou menos intencional de sínteses de linguagem em âmbito global, fortalecendo um tipo de dinâmica de trabalho, para citar apenas um elemento dessa manutenção.

Aos poucos uma possível interpretação do ambiente obscuro das relações entre atores políticos e econômicos brasileiros e americanos no Brasil atual através da epistemologia conjuntural vai se tornando possível. Nas próximas paginas pretendo fazer uma relação da atuação de alguns desses atores e a disseminação intencional de sínteses de linguagem que acabam fortalecendo a efetivação de sinapses específicas em indivíduos que sustentam a base da defesa de atores também específicos e fundamentam, do ponto de vista das massas, a representatividade tóxica na qual nossa ordem político-econômica acaba se encontrando.

O BRASIL NÃO PODE PARAR: RISCO E LAVAGEM CEREBRAL

Grupos de WhatsApp que unem pessoas que seguem uma determinada ideologia, por exemplo, tendem a se tornar bolhas semânticas, onde um único estímulo é repetido inúmeras vezes ao dia.

Bem como as pessoas que nutrem seus cérebros diariamente com as mesmas sínteses de linguagem presentes em um telejornal, por exemplo, vão modificar seus cérebros tendo em vista a internalização de um determinado sentido, provocando a efetivação de novas sinapses. É tudo uma questão de estímulo e assimilação. Aqui reside, justamente, o potencial altamente estratégico da aplicação de *soft power*. Diz respeito ao potencial de construção e efetivação de novas sinapses através da disseminação de sínteses de linguagem específicas, que não necessariamente obedecem à dinâmica da dupla autorreferencialidade – que na grande maioria dos casos nem da autorreferencialidade em si.

Quando disseminamos de maneira constante, por exemplo, a frase "Lula ladrão", nosso cérebro não requer que a síntese de linguagem possua autorreferencialidade nem dupla autorreferencialidade para armazenar as informações presentes, já que, quanto mais simples o estímulo, mais fácil é sua assimilação. São mecanismos cerebrais que são constantemente acionados e que vão reincidir sob a vida das pessoas e seu comportamento em sociedade. Não busco saber, em um primeiro momento se a síntese de linguagem com a qual me deparo é ou não aceita entre os pares que estudam o tema, entre os especialistas e analistas mais diversos, nesse caso. Desde que eu *creia* em sua veracidade e me estimule devidamente, a mensagem "Lula ladrão" vai provocar modificações sinápticas. Primeiro se armazenará no hipocampo e depois construirá sinapses que a correspondam, gerando, consequentemente, a defesa de um discurso X ou Y.

A epistemologia conjuntural nos fornece um aparato diferenciado para interpretarmos as possibilidades políticas no Brasil atual através da aplicação desse *soft power* por atores interessados em manter uma agenda político-econômica específica em solo brasileiro. O ataque sistemático a outras instâncias de disseminação de sínteses de linguagem, como as universidades e outros centros de educação pública, por exemplo, se dá justamente como uma forma de manter o bom funcionamento de uma lógica de disseminação específica. Dentro das perspectivas da epistemologia conjuntural e da neurobiologia as teses de Jessé Souza que unem o discurso do vira-latismo brasileiro e a admiração pelos EUA – discursos de operam por sínteses de linguagem presentes em nossa formação informal, disseminadas em nossa cultura massificada – fazem todo o sentido. Sinapses específicas que remetem a esses discursos seriam responsáveis pela aceitação imediata de tudo que diga respeito à potência americana, em um misto sinistro de formação sociocultural defeituosa e ignorância a respeito das potencialidades nacionais do Brasil. Se essa formação se deu de forma intencional ou não, nesse momento não significa muito. O que temos como cenário dado é o fato de que muitas pessoas vêm se manifestando publicamente, sobretudo desde 2013, com um

discurso alinhado aos das supostas beneficies constantes que nos seriam possibilitadas se imitássemos um suposto modelo americano de não regulação econômico.

Essas sínteses de linguagem formam sinapses e legitimam um status quo político e econômico característico. O cume disso é um presidente eleito vir constantemente a público em posição de nítida subserviência em relação ao líder americano, potencializando essas sínteses e essas (prováveis) sinapses, garantindo a ressonância de ideias que, na verdade, são anti-nacionais. E é por isso que alguns de nós acompanham horrorizados a pessoas se manifestando a favor do presidente, mesmo que isso signifique a morte inevitável de muitas pessoas. Refiro-me aos posicionamentos do mesmo a respeito da não necessidade do isolamento social para evitar a transmissão do corona vírus, chegando mesmo a montar uma peça publicitária oficial, onde a frase "O Brasil não pode parar" seria estampada em outdoors e disseminada nas redes. Isso é o resultado de um processo de educação que se dá desde 2013, disseminando sínteses específicas através de redes sociais e da mídia coorporativa – por isso destaquei as relações de Eduardo Bolsonaro e Steve Bannon e a alta midialização do processo/julgamento do presidente Lula pelos vazamentos da Lava Jato. Produziu-se com o auxilio explícito de atores político-econômicos americanos uma maquinaria de produção de sentido, se disseminação de sínteses de linguagem e possíveis modificações em nossos cérebros que hoje nos põem em risco.

A confusão mental de alguns é bastante nítida quando expostos a episódios de corrupção envolvendo atores como Sérgio Moro, o clã Bolsonaro e agregados. Porém muitos não hesitam em defende-los como verdadeiros heróis, exaltando, inclusive, em tom bastante servil, sua proximidade "estratégica" com os americanos. Os mesmos americanos que praticamente roubaram insumos hospitalares que seriam centrais no tratamento de pacientes brasileiros infectados por corona vírus. Muito apoiadores de Bolsonaro acabaram se retirando do lado do presidente quando os discursos que pediam o fim do isolamento foram vinculados na mídia. Isso demonstra a possibilidade de reversão, já que nosso aparato cerebral-semântico se modifica com o tempo, de acordo com os estímulos recebidos. Porem um rearranjo das dinâmicas políticas, econômicas e educacionais que constituem o grande ponto conjuntural que caracteriza o Brasil precisa ser sistematicamente pensado e posto em prática pelos setores verdadeiramente progressistas de nossa sociedade ou corremos o risco que as próximas gerações sucumbam às sínteses de linguagem simples e suponham que nelas reside o valor único de nossa existência e de nossa verdade.

Parte da produção científica fez parte de tudo isso por não levar em consideração esses movimentos mais amplos (econômicos, políticos e educacionais), sobretudo, no caso da ciência brasileira, como aponta Souza (2020), que ocupou um papel estratégico na construção da ideia da

necessidade do brasileiro ser submisso a todo discurso que vem dos EUA e a sua suposta superioridade moral; ao passo que no caso da ciência americana, na busca por controlar a opinião pública, houve consciência desse processo, sobretudo por parte de Bernays que inseriu seus saberes e suas práticas em dinâmicas de *soft power*.

Nesse meio tempo, as sínteses de linguagem duplamente autorreferentes e aceitas pela comunidade específica como válidas – que constituem as diversas formas de saberes científicos – ganham centralidade no cenário internacional durante o andamento desta grave crise. É o resultado de um caminho de dois lados: as facilidades de um discurso simples, que oferece alento imediato às nossas próprias frustrações estampa todo seu valor em nossa fisiologia cerebral, facilidade essa estimulada por décadas de estimulação estrutural do discurso da subserviência. Estamos muito longe de uma conclusão. No que diz respeito à constituição crítica da epistemologia conjuntural como chave-de-leitura válida e ao cenário brasileiro como um todo. Mesmo diante de todos os ataques, também sistemáticos, que os mais diversos setores da intelectualidade brasileira vêm sofrendo nesses tempos, é preciso ensaiar uma resposta a tudo o que se põe como conhecimento efetivo, sem, de fato, sê-lo. Apesar de tudo isso, espero ter conseguido colaborar um pouco para o discurso de um diagnóstico mais preciso e para o esforço das ciências históricas em interpretar o que se apresenta a nós como realidade.

ANEXO I – RELAÇÕES OBSCURAS ENTRE ATORES BRASILEIROS E AMERICANOS

VIANA, Natalia Viana, MACIEL, Alice & FISHMAN Andrew. “Desde 2015, Lava Jato discutia repartir multa da Petrobras com americanos”. Em Agência Pública. Disponível em: <https://apublica.org/2020/03/desde-2015,-lava-jato-discutia-repartir-multa-da-petrobras-com-americanos/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

FISHMAN, Andrew, VIANA, Natalia & SALEH. “The Secret History of U.S. Involvement in Brazil’s Scandal-Wracked Operation Car Wash, via The Intercept”. Em The Intercept. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/12/united-states-justice-department-brazil-car-wash-lava-jato-international-treaty/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

FISHMAN, Andrew, VIANA, Natalia & SALEH. “Lava Jato fez de tudo para ajudar justiça americana – inclusive driblar o governo brasileiro”. Em The Intercept Brasil. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/12/lava-jato-driblou-governo-ajudar-americanos-doj/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

FISHMAN, Andrew & DEMORI Leandro Demori. “Deltan foi estrela de encontro com bancos e investidores organizado pela XP ‘com compromisso de confidencialidade’”. Em The Intercept Brasil Disponível em: <https://theintercept.com/2019/07/26/deltan-encontro-secreto-bancos-xp/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

GREENWALD, Gleen & NEVES Rafael. “Dallagnol mentiu: Lava Jato vazou sim informações das investigações para a imprensa — às vezes para intimidar suspeitos e manipular delações”. Em The Intercept Brasil. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/08/29/lava-jato-vazamentos-imprensa/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

NEVES, Rafael. “Lava Jato usou denúncia do sítio contra Lula para distrair público de crise com Temer e Janot e proteger colegas”. EM The Intercept Brasil. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/10/13/lava-jato-lula-sitio-jbs/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

VIEIRA, André, PERON, Isadora & MUNIZ, Mariana. “MPF suspende criação de fundação bilionária da Lava-Jato”. Em Valor. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/03/12/mpf-suspende-criacao-de-fundacao-bilionaria-da-lava-jato.ghtml>. Acesso em 09 Abr. 2020.

REDAÇÃO. “Pivô de crise, Moro vai aos Estados Unidos, mas não divulga a sua agenda”. Em Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/pivo-de-crise-moro-vai-aos-estados-unidos-mas-nao-divulga-a-sua-agenda/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

ALVES, Cintia. “Em vídeo, procurador dos EUA admite parceria informal com a Lava Jato”. Em GGN. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/justica/em-video-procurador-dos-eua-admite-parceria-secreta-com-lava-jato/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

FREIRE, Diego. “Eduardo trata sobre soberania da Amazônia em reunião com Steve Bannon”. Em Veja. Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/eduardo-trata-sobre-soberania-da-amazonia-em-reuniao-com-steve-bannon/. Acesso em 09 Abr. 2020.

REDAÇÃO. “Eduardo Bolsonaro se reúne com Bannon em Nova York”. Em Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/09/eduardo-bolsonaro-se-reune-com-bannon-em-nova-york.shtml>. Acesso em 09 Abr. 2020.

REDAÇÃO. “Eduardo Bolsonaro se reúne com Steve Bannon em Washington”. Em Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-se-reune-com-steve-bannon-em-washington/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

BILENSKY, Thais.” Bannon anuncia Eduardo Bolsonaro como líder sul-americano de movimento de direita populista”. Em Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/02/bannon-anuncia-eduardo-bolsonaro-como-lider-sul-americano-de-movimento-de-ultradireita.shtml>. Acesso em 09 Abr. 2020.

REDAÇÃO. “Lobista de Bolsonaro nos EUA promove encontro entre Olavo de Carvalho e Steve Bannon”. Em Revista Forúm. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/lobista-de-bolsonaro-nos-eua-promove-encontro-entre-olavo-de-carvalho-e-steve-bannon/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

BRESCIANI, Eduardo. “Filho de Bolsonaro diz que marqueteiro de Trump vai ajudar seu pai”. Em Época. Disponível em: <https://epoca.globo.com/filho-de-bolsonaro-diz-que-marqueteiro-de-trump-vai-ajudar-seu-pai-22963441>. Acesso em 09 Abr. 2020.

CURA, Maria Eduarda. "WhatsApp confirma envio ilegal de mensagens por grupos políticos em 2018". Em *Exame*. Disponível em <https://exame.abril.com.br/tecnologia/whatsapp-confirma-envio-ilegal-de-fake-news-porgrupos-politicos-em-2018/> – Acesso em 09 Abr 2019.

GRANVILLE, Kevin. "Como a Cambridge Analytica recolheu dados do Facebook". Em Folha de S. Paulo Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/03/como-a-cambridge-analytica-recolheu-dados-do-facebook.shtml>. Acesso em 09 Abr. 2020.

LUCENA, Eleonara & LUCENA Leandro. Brasil é alvo de guerra híbrida, diz analista. Disponível em: <https://tutameia.jor.br/brasil-e-alvo-de-guerra-hibrida/>. Acesso em 09 Abr. 2020.

REFERÊNCIAS

BRIDI FILHO, Cesar Augusto; BRIDI, Fabiane de Souza: ROTTA, Newra Tellechea. Intervenções Terapêuticas que Promovem Desenvolvimento Sináptico. In ROTTA, Newra Tellechea; BRIDI FILHO, Cesar Augusto; BRIDI, Fabiane de Souza. **Plasticidade Cerebral e Aprendizagem: abordagem interdisciplinar**. Pp.1-22 Artmed: São Paulo, 2018.

CONSENZA, Ramon & GUERRA, Leonor. **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende**. Artmed: Porto Alegre, 2011.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HUNTINGTON, Samuel. **Choque de Civilizações.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

SHORE, Rima. **Rethinking The Brain: New insghts into Early Development**. Nova York: Families and Work Institute, 1997.

SOUZA, Jessé. **Guerra Contra o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

TAVARES, Camilo. **O dia que durou 21 anos**. Direção: Camilo Tavares. Brasil: Pequi Filmes, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RVnf3Ap7guQ>. Acesso em: 03 abr. 2020.